

Rubem Braga

Passeio no cemitério

EM Paris nunca me animei a ir ver o túmulo de Napoleão, nem sequer entrei naquele frio *Panthéon* onde repousam Voltaire, Rousseau, Jaurès, Zola, Victor Hugo. Mas fui vizinho do cemitério de Montparnasse, e uma vez lhe fiz uma visita.

O que sobretudo procurei foi o túmulo de Baudelaire; encontrei-o junto ao muro que dá para a encantadora Rua Emile Richard. Há, no alto, uma cabeça de pensador; há também alguma coisa que creio ser um morcêgo; e a estátua do poeta nos aparece deitada sobre o túmulo, o corpo envolvido em uma espécie de sudário apertado, como se fôsse uma múmia. O todo é de um mau-gosto bem da época, mas a cabeça tem sua dignidade; e confesso que ali, no cemitério deserto, na bela manhã outoniça, eu me comovi pensando no poeta. Um pequeno ramo de flôres roxas estava, já meio sêco, sobre a pedra; quem teria levado ali aquela humilde homenagem?

Saí passeando pelo cemitério, à procura do casal Pigeon; lera no guia que se tratava de um túmulo surpreendente, e estava curio-

so; imaginei, pelo nome, que houvesse um casal de pombinhos sobre a laje... De passagem vi alguns nomes ilustres, como Banville e Louis Veillot; e me demorei um pouco junto a um grande túmulo em que havia, em relêvo, a cabeça de uma bela e jovem mulher com um chapéu de 1850 e, gravados na pedra, alguns versos de amor. Uma inscrição dizia que ela morrera assim, môça e linda, e o marido, que fizera o túmulo, nêle fôra enterrado 30 anos depois. Não pude deixar de contemplar algum tempo aquela cabeça de mulher, de traços nobres, finos, delicados.

Afinal encontrei o casal Pigeon. Não, nada de pombos. Há um grande grupo, em bronze, com as duas figuras em tamanho natural. *Madame* Pigeon está deitada no seu leito, com uma camisola de rendas, a cabeça descansando em um travesseiro, um pouco voltada para a esquerda, os olhos abertos, um lençol vindo até perto dos seios. Ao seu lado, *Monsieur* Pigeon. Está também em cima da cama, mas não estirado; apóia-se sobre um co-

tovêlo, as pernas esticadas sob o lençol, e tem um pequeno livro na mão. Evidentemente lê alguma coisa para sua senhora enferma — e o mais surpreendente é que está vestido, com paletó, colarinho duro e gravata. Deve ser um pouco mais velho que *madame*, e usa bons bigodes. É tocante assim, aquêlê casal burguês. Por mais pitoresca e ridícula que possa parecer a idéia — o fato é que o casal está ali vivo, eterno, na descuidada atitude de um momento familiar. Não se tem a impressão de um grande amor, antes, de uma velha, terna, infinita amizade conjugal, uma grande doçura familiar. Boa gente, os Pigeon!

Antes de sair, ainda me detenho perante o túmulo de uma *mademoiselle* não sei mais de quê. Morreu há quase duzentos anos. Os que a perderam fizeram questão de apresentá-la em tamanho natural, de pé, linda e fresca, sorrindo, os seios a saltar de um decote antigo, um ramo de flôres na mão — como a querer dizer que a beleza e a mocidade, a ilusão de um instante, importam mais que a longa, a feia, a fria morte.

M 552 - 17.11.62